

A Marca da Maldade

Rogério Queiroz*

*“Hoje eu sou o diabo: tenho todas as sombras do mundo refletidas em minha pele.
Diferente do primeiro portador da luz, não produzo sombras. Sou apenas o anteparo onde elas podem descansar. A cada nova sombra que surge, estico minha pele ainda mais. Todas têm direito à morada.*

E a cada movimento que faço vejo-as também se movendo e ganhando vida, como fotos em tela de cinema. Por isso me contorço tanto. Para dar vida. Vida às imagens. De cada movimento, surge uma nova composição e história dessas tatuagens.

Quem olha apenas para minha pele, vê somente o que permite ser visto daquele ângulo, naquela hora, naquele movimento.

Já fui anjo, mãe e muitas coisas. Hoje eu sou apenas o diabo.

Com esse olhar enxergo Quinlan: um ser que tem enorme volume para que todas as sombras possam ser abraçadas. Seu corpo se transforma numa metáfora, uma espécie de parente negro do Buda. Parentes na fatura. A fatura de luz em um, que acaba produzindo em outro, a fatura de sombras.

Da mesma forma que Sidarta, mesmo sendo magro, era representado com exagerada robustez, o capitão Hank Quinlan só poderia ser encarnado desse jeito. Ele possui em seu tamanho não só as sombras, mas também a força que vem delas. Fica fácil identificar isso quando mesmo sendo coxo, gordo e sem mobilidade, mata facilmente o rato Grandi com as próprias mãos. Grandi, ao contrário de Quinlan, não possui a força das sombras. Em seu corpo ligeiro e diminuto reside apenas a forcinha das artimanhas e trapças. Um pequeno rato que nos dá nojo, mas não representa perigo: só foge. Quinlan, em seu corpanzil, ocupa um espaço maior do que ele mesmo, como se tivesse uma aura ao seu redor que empurrasse e afastasse as pessoas. Sua força extravasa sua pele.

Ambos são diferentes do recepcionista do motel, que se auto denomina: “O homem da noite”. Com efeito, ele é o homem da noite, o homem do escuro. Com seu corpo longe

* Mestrando da Faculdade de Educação/UNICAMP - Laboratório de Estudos Audiovisuais - OLHO

dos padrões da luz, lá vai ele, trêmulo, com medo, com uma certa onisciência, mas privado da onipotência. Ele sabe tudo o que se descortina, mas não consegue interferir ou se expressar. Mas é claro, ele é apenas o homem da noite, não é o herói da luz, com seus ideais elevados, sua coragem.

Esse é o “homem do dia”, que se manifesta na figura de Vargas. Àquele que tudo supera, até sua inferioridade mexicana em relação aos E.E.U.U.. O homem do dia é uma espécie de mix das virtudes bíblicas, a beleza e coragem de David, a sabedoria e justiça de Salomão, a fé de Jó no sistema judiciário e a abnegação dos santos com relação à sua vida particular. Um protótipo do ideal cristão. Que, aliás, só é aturado pela esposa por ser ela uma “mulher do dia”. Ambos possuem corpos lindos e gestos controlados, como se estes refletissem ou reforçassem a “beleza” interior dos dois.

Mas, como já disse, Quinlan é o homem das sombras, não é o homem da noite nem o homem do dia. Ele é a força que resulta desse jogo, dessa brincadeira de bem e mal. O personagem de Welles traz em seu corpo as cicatrizes de suas batalhas. A luta contra o vício do álcool, a perda da mulher, a coragem de levar um tiro para salvar o parceiro, a mutilação por esse tiro, et cetera. Mas carrega junto também suas trapaças e vergonhas. Todas as suas dores presentes a todo momento. É um corpo de dor. Os prazeres hoje são poucos. Um pouco de prazer pelo respeito e poder que possui e um pouco por algumas recordações. Só.

Podemos brincar, também, de ver o velho e o novo nas figuras do promotor, com seu corpo duro e seco, e dos assistentes de Grandi, com toda sua ginga, no melhor estilo de rebeldia Elvis Presliana. Eles, a nova geração dos Grandi, ainda fazem as coisas por paixão e prazer e não por “interesses”.

Falando de paixão e prazer, não podemos deixar de falar da mulher das sombras. Mais sexual do que todos os outros corpos. Traz em si todo “tesão” e dores do mundo, brincando de ser, em um só corpo, paraíso e inferno.

Por fim, restou falar do mais óbvio de tudo. Dos corpos comuns. Dos corpos bem comportados que aparecem no decorrer de todo o filme e nem nos chamam a atenção, talvez os corpos mais difíceis e tristes de se comentar. Eles se situam entre a luz, a escuridão, as sombras e bem dentro de nós.